

RESUMO

O presente Relatório Final de Estágio surge no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário e descreve e reflecte a experiência decorrente da leccionação, na Escola Básica Marquês de Marialva – Cantanhede, das disciplinas de Educação Física e Dança. Podemos encontrar neste documento, como pontos principais, as expectativas e opções iniciais, uma descrição das actividades desenvolvidas e uma reflexão de todas as acções realizadas ao longo do ano de Estágio. Sendo assim, permite-nos reflectir sobre todas as actividades desenvolvidas, aprendizagens e formações realizadas através do inúmero leque de novas experiências concedidas pelo Estágio.

ABSTRACT

This Final Report Stage appears in the Masters in Teaching Physical Education for Basic and Secondary Education and describes and reflects the experience of the teaching, in Escola Básica Marquês de Marialva – Cantanhede, the disciplines of Physical Education and Dance. We can find in this document, as key points, the initial expectations and options, a description of the developed activities and a reflection of all performed actions throughout the year Stage. Thus, it allows us to reflect on all the developed activities, learning and formations conducted through the countless array of new experiences provided by the Stage.

ÍNDICE

1.INTRODUÇÃO	5
2.EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS	6
3.DESCRICÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS	9
3.1.ESTÁGIO PEDAGÓGICO	9
3.1.1.Planeamento do Ensino	10
3.1.2.Realização	13
3.1.3.Avaliação	16
3.2.INTER-RELAÇÕES NO MEIO ESCOLAR E COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL	18
4.REFLEXÃO	21
4.1.ENSINO – APRENDIZAGEM E DIFICULDADES SENTIDAS	21
4.1.1.Aprendizagens realizadas e Dificuldades Sentidas	21
4.1.2.Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos	32
4.1.3.Inovação nas Práticas Pedagógicas	33
4.1.4.Formação Contínua e Dificuldades a Resolver no Futuro	35
4.2.QUESTÕES DILEMÁTICAS	36
4.3.ÉTICA PROFISSIONAL	37
4.3.1.Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade	37
4.3.2.Importância do Trabalho Individual e de Grupo	38
4.4.CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL	40
4.4.1.Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar	40
4.4.2.Prática Pedagógica Supervisionada	41
4.4.3.Experiência Pessoal e Profissional	42
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXOS	47
Exemplo de grelha de planificação anual	47
Exemplo de plano de aula	47

Ficha de auto avaliação	48
Exemplo de instrumento de registo de avaliação formativa (assiduidade, higiene e pontualidade)	49
Instrumento de registo de avaliação formativa (empenho, falta de material e comportamento)	49
Exemplo de instrumento de avaliação diagnóstica	50
Exemplo de instrumento de avaliação da coreografia individual	50
Exemplo de instrumento de avaliação do portefólio individual	51
Exemplo de instrumento de avaliação final	51
Exemplo de instrumento de avaliação global da componente prática de uma modalidade (e.g., voleibol - diagnóstica, formativa e sumativa)	52
Exemplo de instrumento de avaliação formativa	53
Exemplo de instrumento de avaliação sumativa	53

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular Relatório de Estágio, enquadrada no 2.º Ano do Mestrado em Ensino da Educação Física aos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, foi-me solicitada a elaboração de um documento onde constasse uma descrição e uma reflexão de todo o trabalho realizado como professor estagiário de Educação Física na Escola Básica Marquês de Marialva – Cantanhede.

Através deste relatório, pretendo reflectir sobre todo o processo de formação na sua vertente prática que constitui o Estágio, cuja complexidade envolve necessariamente um enquadramento teórico próprio e uma configuração pessoal. Neste sentido, optei por um formato de redacção que espelhasse a minha matriz individual e incorporar-se os pensamentos, reflexões, descrições e emoções que levo desta experiência que marcará indelevelmente a minha vida pessoal e profissional futura. Decidi então incorporar nesta reflexão todos os temas que mais me marcaram e que mais contribuíram para o meu auto-desenvolvimento e crescimento profissional e pessoal.

No decorrer deste documento começo por fazer referência às minhas expectativas iniciais e, logo depois, faço uma breve descrição das actividades desenvolvidas. Para finalizar, incluo no relatório uma reflexão onde pretendo descrever as vivências mais marcantes ao longo do estágio e concluir acerca de aspectos tão importantes como as dificuldades sentidas, ética profissional, ensino aprendizagem, entre outros.

2. EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS

A Escola tem o papel de abrir horizontes, de despertar no aluno o desejo de aprender. Cabe aos professores, como agentes educativos, criar situações que promovam o diálogo aberto, de forma a esclarecer alterações, durante o seu crescimento e maturação. O papel do Professor é de extrema importância para a sociedade, pois por nós passa a formação da população que constituirá o futuro do nosso país. Por vezes, deparamo-nos com bastantes dificuldades, pois nos dias de hoje, com a escolaridade obrigatória, surgem alunos desmotivados, repletos de problemas, evidenciando os conflitos da sociedade actual.

A disciplina de Educação Física costuma ter bastante popularidade, pelo que devemos aproveitar esta circunstância, estabelecendo elos de comunicação fortes, a fim de detectar os problemas e necessidades dos alunos e para apoiar as possíveis debilidades.

Considero que a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física me abriu novos horizontes, onde adquiri uma base sólida de conhecimentos e procedimentos a praticar na minha futura actividade profissional.

É chegado o momento da última etapa e a mais importante de todas, não só pelo peso que representa na avaliação final, mas também pelo contacto directo com a realidade escolar, transitando da teoria pedagógica para a prática da mesma, adquirida na formação.

Esta será, a mais importante fase de aprendizagem de um futuro professor de Educação Física, já que é a prática que nos irá dar a necessária experiência para podermos resolver os vários problemas que se nos irão deparar no dia-a-dia.

Este ano será muito trabalhoso, assim o planeamento das aulas, bem como o planeamento de todo o processo desta prática pedagógica, assumem um papel fundamental para que este seja feito com enorme sucesso, sem descuidos nem surpresas, sendo fundamental a colaboração de todos os elementos envolvidos neste mesmo

processo, especialmente dos meus colegas de grupo de Estágio e da Professora Orientadora.

Este ano será, quanto a mim, também muito importante na medida em que é fundamental conhecer o funcionamento de uma escola, ou seja, as suas regras, os alunos, os outros professores, funcionários e toda a dinâmica que envolve a mesma. No mesmo sentido, também será muito importante, pois vamos conduzir todo um processo, que vai desde a realização do plano anual, das unidades didáticas, da realização de planos de aula e da sua organização, sabendo gerir todos os recursos disponíveis, “acabando” na avaliação.

Antes de indagar acerca de qualquer outra coisa, numa perspectiva egocêntrica, quero definir o que espero obter durante esta intervenção pedagógica. Para além, obviamente, da experiência que possa adquirir, desejo aperfeiçoar qualidades fundamentais que serão permanentemente requisitadas no futuro como profissional. Quero saber concretamente possíveis falhas ou lacunas na minha formação (de forma a poder preenchê-las), e na minha forma de estar e ser nas aulas e da efectividade dos conhecimentos que foram adquiridos (como as destrezas de ensino, por exemplo) e como resultam na prática. Espero sobretudo, aplicar (a teoria) e receber (na prática) conhecimento e conseguir transformar esse conhecimento e saberes em acção.

No que diz respeito à Escola Básica Marquês de Marialva – Cantanhede, penso que esta possui condições suficientes para que eu possa realizar o estágio de forma coerente e bastante satisfatória.

De certa forma, espero tanto dos membros do conselho directivo, como dos funcionários da secretaria, que colaborem comigo no que for possível.

Os funcionários que mais tempo passarão comigo, serão os do ginásio, espero que estes tenham uma especial colaboração comigo, pois serão aqueles a que mais vezes irei recorrer, ao longo do ano, e com os quais possivelmente irei criar uma relação mais forte que os outros funcionários.

Quanto aos professores que leccionam as outras disciplinas, espero que estes cooperem comigo, como eu cooperarei com eles no que me pedirem, dentro das minhas

possibilidades. Como é natural, é dos professores do grupo de Educação Física, que eu espero um maior apoio, pois iremos ter algum trabalho em comum bem como a disciplina a leccionar.

A pessoa que mais me influenciará durante o Estágio, será a Professora Orientadora (Clara Neves). Gostava de encontrar uma professora dinâmica, cheia de alternativas e soluções para os vários problemas que possa encontrar.

Quanto à supervisora espero, que tenha uma total disponibilidade para me ajudar, sempre que a ela recorrer e que me conduza a uma orientação científica, uma avaliação justa e coerente e que possua uma atitude crítica sincera, para que eu possa resolver os meus erros, ou manter o que está certo.

O facto de nunca ter trabalhado com os restantes colegas de grupo (Rui e Frederico), não me preocupa, pois sinto que formaremos um excelente grupo de Estágio, achando que este factor (grupo de Estágio) seja muito importante para o desenvolvimento de um bom trabalho.

Um dos pontos mais importante deste ano será a relação que irei ter com os meus alunos, ou seja saber as suas potencialidades, conhecer as suas personalidades, saber cativá-los para as minhas aulas, gerindo estes recursos de forma harmoniosa para que no final todos saíamos favorecidos. Posso afirmar que estou bastante motivado com a perspectiva de começar a estagiar e julgo que estou minimamente preparado para desempenhar as funções de professor.

Para concluir, espero que seja um ano bastante proveitoso no que diz respeito à experiência que irei adquirir no decorrer das aulas e que será de extrema importância, com certeza, para a minha futura carreira de docente, sendo assim espero que este processo seja coroado com enorme sucesso.

3. DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.1. ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Na recta final do ano lectivo, as dificuldades sentidas como docente de Educação Física e Dança foram muito diminutas em relação aos Períodos antecedentes. Já me senti completamente à-vontade com a presença da Orientadora de Estágio nas aulas tal como com a presença dos meus colegas de Estágio. O nervosismo que por vezes antecede as aulas desvaneceu-se com a prática e com o melhor conhecimento das turmas e das estratégias adoptadas. No final de cada aula, a Professora Orientadora fez sempre a sua apreciação, sempre de forma construtiva, de forma a melhorar a minha prestação como docente perante a turma e consoante as matérias a abordar. Estas apreciações foram sempre essenciais pois permitiram um melhoramento constante das minhas competências e ajudaram-me a corrigir algumas lacunas no contexto pedagógico.

Um dos aspectos que considerei desafiantes e um pouco intimidatórios desde o início do ano foi ter ficado responsável, juntamente com a Professora Orientadora Clara Neves, por leccionar a disciplina de Dança a uma turma do sétimo ano. No princípio fiquei um pouco relutante em relação ao modo de como as aulas iriam decorrer mas a Professora Orientadora ajudou em tudo o que foi necessário e muito mais. Sempre que as dúvidas existiram, da minha parte, a Professora explicava de modo satisfatório para que eu evoluísse dentro deste mundo da Dança. Sendo assim, com a experiência que tenho vindo a adquirir nesta área, as aulas decorreram de forma mais controlada e não necessitei tanto da ajuda da Professora no final do ano lectivo. Tenho noção disto, não só pela segurança que sinto na leccionação destas mas também pela confiança que a Professora Clara tem vindo a manifestar a meu favor (entendo isto através de conversas no final das aulas com a Professora Orientadora e a Professora não faz tantas intervenções na própria aula como no início do ano).

Para uma melhor reflexão em todos os pontos constituintes do Estágio Pedagógico vou dividi-lo por três competências: Planeamento do Ensino, Realização e Avaliação.

3.1.1. Planeamento do Ensino

Planear consiste na selecção e ordenamento dos objectivos e dos conteúdos programáticos, tendo em consideração as condições locais (pessoas, espaços e materiais) e temporais (número de horas) (Bento, 1987).

O **plano anual** de turma é um plano de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa no local e nas pessoas envolvidas (Bento, 1987). Em relação a este, concluí que o mesmo permitiu conhecer o contexto escolar e os programas nacionais de Educação Física, elaborar as linhas gerais orientadoras do processo ensino-aprendizagem, da turma ao longo do ano lectivo, orientar o processo ensino-aprendizagem e estabelecer uma sequência lógica de actuação, conhecer os recursos materiais disponíveis para a referida disciplina, controlar toda a planificação a curto, médio e longo prazo com maior segurança, controlo e fiabilidade, definir de forma clara e objectiva as matérias a leccionar no decorrer do mesmo ano lectivo, assim como a sua distribuição no tempo e inclusão das acções inscritas no plano de actividades da escola promovidas pelo grupo disciplinar, abarcando também as de iniciativa do próprio Núcleo de Estágio. Neste sentido, foi igualmente importante para um conhecimento mais aprofundado da turma e seleccionar as estratégias mais adequadas para uma intervenção pedagógica com qualidade.

A importância deste documento, torna-se bastante óbvia, quando estabelecemos objectivos tão complexos, como são todos aqueles que envolvem, acima de tudo, seres humanos. Contudo, visto ser uma planificação a longo prazo, é susceptível de sofrer mudanças, tendo em vista uma melhoria de situações que se revelem complicadas para que sejam atingidos melhores resultados. Apenas pequenas alterações foram efectuadas no plano anual, principalmente ao nível da planificação anual. Contudo, estas alterações não alteraram nem ordem das matérias nem os conteúdos a leccionar, estando mais relacionadas com questões organizacionais. Foi um documento onde todos os elementos do Núcleo de Estágio despenderam bastante tempo e empenho na sua realização.

As **unidades didácticas** proporcionaram-me um auxílio constante no trabalho pois permitiram recolher estratégias e metodologias que foram de encontro às necessidades dos alunos. Os exercícios escolhidos, também designados por situações de

aprendizagem, actividades e tarefas, constituíram oportunidades de prática especificamente orientadas para o alcance de determinados objectivos. Foram, por outras palavras, meios pedagógicos potencialmente capazes de melhorar a capacidade de prestação motora dos alunos, organizando a sua actividade em direcção a determinados objectivos (Castelo, 2003).

De acordo com o programa escolar, o nível inicial dos alunos e com as possibilidades espaciais e materiais da escola, procedi à planificação e elaboração das unidades didácticas, estruturas que nos iriam servir como um documento orientador da prática pedagógica ao longo de todo o ano. Então, escolhi os conteúdos a serem abordados num certo número de aulas, bem como as competências a atingir e a forma como iriam ser atingidas. Em cada unidade didáctica falei dos conteúdos, das progressões e possíveis ajudas, e das estratégias a serem adoptadas nas aulas, bem como a gestão dos recursos.

As unidades didácticas foram realizadas de acordo com o plano anual, estabelecendo um elo de ligação entre este último e os planos de aula, permitindo uma continuidade lógica dos conteúdos a serem abordados. Nas unidades didácticas foram apresentadas competências pertinentes da respectiva modalidade, estando construídas de forma a promover um ensino inclusivo.

Os conteúdos e as actividades a abordar foram previstos de forma a promover a introdução, a exercitação e posteriormente, a consolidação dos conteúdos abordados.

Parte constituinte das unidades didácticas são as **extensões e sequências de conteúdos**. Posso dizer que estas vieram sofrendo algumas alterações conforme o processo de ensino-aprendizagem se foi desenrolando. Contudo, estas alterações não foram muito significativas uma vez que se prenderam mais com questões relacionadas com a gestão do tempo e organização das matérias pelo número de aulas do que propriamente com os conteúdos a leccionar. É muito natural que pequenos ajustes sejam feitos de modo a melhorar o processo de ensino aprendizagem tendo em conta os imprevistos e condições com que nos deparamos. Penso que os ajustes nas extensões e sequência de conteúdos foram legítimos e surtiram efeito na qualidade das aulas e até na aprendizagem dos alunos. De modo geral, considero que as extensões e sequências de

conteúdos foram construídas de forma lógica, começando primeiro por abordar exercícios específicos menos complexos passando depois a trabalhar exercícios mais complexos, tendo em vista uma progressão pedagógica, visando a evolução plena do aluno.

Confesso que senti bastantes dificuldades em prever todos os exercícios e matérias que iria abordar em cada sessão, contudo, posso fazer um balanço positivo em relação a este parâmetro pois consegui-me guiar muito bem por estas extensões e sequências de conteúdos que se evidenciaram como documentos muito úteis.

Tendo em conta os objectivos e as estratégias que adoptei para a realização e desenvolvimento das unidades didácticas, penso que consegui atingir o pretendido. Também são documentos muito extensos e difíceis de elaborar onde foi despendido muito tempo na sua construção.

A aula é o ponto de convergência do pensamento e da acção do professor. Da sua correcta organização e estruturação e do que nela acontecer, dependem, grandemente, os resultados de aprendizagem dos alunos (Bento, 1987). Sendo assim, no que diz respeito aos **planos de aula**, pretendi construir os mesmos de acordo com os recursos disponíveis (materiais, humanos, espaciais, temporais) em concordância com o previamente especificado no plano anual e nas unidades didácticas.

Todos os planos de aula funcionaram como linhas orientadoras do trabalho, sendo flexíveis e, portanto, sujeitos a alterações, como aconteceu diversas vezes. Neles, apareciam sempre presentes os conteúdos/objectivos, organização/situação de aprendizagem, componentes críticas/critérios de êxito e o tempo (parcial e total). No início, senti bastantes dificuldades na elaboração destes pois consumiam muito do meu tempo de trabalho. Mas, passado umas semanas, a prática fez com que esse tempo gasto fosse reduzido e a qualidade dos planos melhorada. A rotina de elaboração dos mesmos fez com que esta tarefa se tornasse muito mais facilitada e portanto senti melhorias em relação a este aspecto.

3.1.2. Realização

Nas **instruções**, tentei sempre ser o mais breve e explícito possível para que a informação fosse transmitida de forma rápida mas coerente com o pretendido, de forma a perder o mínimo de tempo neste parâmetro da realização. Na informação inicial apresentei sempre os objectivos da aula tal como as tarefas a realizar, relacionando-as com as matérias abordadas nas aulas anteriores. Durante o desenrolar da aula tive o cuidado de me posicionar correctamente no espaço tentando não deixar de fora do meu campo de visão nenhum aluno. Na explicação dos exercícios, sempre que pude, fiz demonstrações para transmitir aspectos da matéria e, quando sabia que algum aluno tinha experiência na modalidade, seleccionava-o para efectuar a demonstração. Depois disto, certificava-me se todos os alunos tinham compreendido a mensagem para poder prosseguir com o exercício. Evidentemente que nem todas as aulas tiveram o sucesso pretendido, havendo aspectos a melhorar, no entanto penso que o balanço é positivo. Tenho a noção que procurei sempre planear exercícios dinâmicos e atractivos que cativassem os alunos para a sua realização.

Os *feedbacks* são deveras indispensáveis nas aulas de Educação Física e de Dança para que os alunos evoluam e tenham consciência daquilo que estão a efectuar bem e mal. Tive bastante cuidado na utilização destes e preparava-me bem antes de todas as aulas de forma a prever o que eventualmente poderia dizer (utilização de palavras-chave). Contudo, todos os alunos têm performances diferentes o que faz com que os *feedbacks* sejam também diferentes. Utilizei-os nas minhas intervenções sempre que pude, de forma pertinente, em quantidade suficiente e equitativamente pelos alunos. Talvez devesse usar mais *feedbacks* quines-tésicos já que os que utilizei predominantemente foram os descritivos e os avaliativos. Confesso que nas aulas de Dança tive algumas dificuldades em atribuir *feedbacks* aos diferentes tipos de alunos pois não é uma disciplina em que me sinto muito confortável, contudo, penso que melhorei muito este aspecto ao longo do ano lectivo e que, caso necessite de leccionar dança futuramente nas aulas de Educação Física, esta tarefa será muito mais facilitada devido à bagagem que levo deste Estágio.

Relativamente à **gestão**, penso que não tive problemas de maior em relação a este parâmetro. Consegui, apesar de muitas vezes os alunos chegarem atrasados à aula,

efectuar uma boa gestão do tempo útil, quer no controlo de imprevistos quer no tempo de empenhamento motor. Para isso, tive o cuidado constante de estabelecer regras de segurança a cumprir de forma a prevenir incidentes e de adoptar algumas estratégias.

Para aumentar o tempo útil de aula tentei criar interesse nos alunos pelas actividades da aula, utilizei um esquema de controlo das presenças rápido e eficaz e exigi a presença dos alunos à hora combinada para dar início à aula. Para aumentar o tempo disponível para a prática organizei as condições materiais de prática antes do início da aula, mantive os grupos de trabalho em todos os exercícios da aula e de aula para aula e tentei ser o mais breve possível nos episódios de organização e de instrução e nas transições de actividade para actividade. Para aumentar o tempo de empenhamento motor penso que seleccionei tarefas adequadas e diversificadas aos alunos em questão, privilegiando progressões pedagógicas para depois efectuar o elemento técnico na sua globalidade. Também tentei definir e automatizar rotinas e regras de funcionamento das aulas tal como avaliar e controlar regularmente o nível de participação dos alunos.

No que diz respeito ao **clima/disciplina** de aula, este demonstrou-se agradável e satisfatório, não só para mim, como para os alunos. Na sua grande maioria, os alunos divertiram-se imenso e adoraram as aulas, ao mesmo tempo que adquiriram capacidades e conhecimentos na disciplina abordada. Para isso tive a preocupação de impor algumas regras de trabalho e hábitos nas aulas de forma a criar rotinas de organização no processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, criar um bom clima/disciplina durante as mesmas. Apesar desta turma não apresentar situações de comportamentos inapropriados evidentes, houve casos pontuais que mereceram uma maior atenção de forma a não perturbar o bom funcionamento das aulas. Nunca senti dificuldades em conseguir arranjar estratégias eficazes para controlar estes casos, penso até que no primeiro período, em alguns casos, poderei ter sido um pouco mais duro face à realidade das situações. No entanto os alunos foram-se habituando à minha forma disciplinada de conduzir a aula, melhorando e gerindo melhor as situações menos apropriadas. Tive alguns cuidados, tais como, descrever os erros de forma positiva em vez de julgar, mostrar alguma sensibilidade pelos problemas que se apresentavam e dar importância à comunicação não verbal. Na comunicação, procurei sempre ser consciente e enviar

mensagens pertinentes e consistentes, tendo bastante facilidade na colocação e no tom de voz.

No que concerne ao clima emocional, foi-me vantajoso o ambiente positivo com que pautei as minhas intervenções, um ambiente relacional em que o elogio e o encorajamento se sobreponham à reprovação, à ironia e à crítica. Confirmou-se também a importância da comunicação não verbal, tal como o braço elevado com a mão fechada (os alunos juntam-se à frente do professor).

Para que uma aula pudesse decorrer da melhor forma possível, permitindo o cumprimento de todos os objectivos propostos para a aula, foi fundamental instaurar na mesma um clima baseado na disciplina e respeito mútuos. Só desta forma foi possível otimizar o processo de ensino-aprendizagem com esta turma.

Algumas **decisões de ajustamento** foram tomadas no decorrer das aulas durante o período, umas boas e outras más. Contudo, todas elas contribuíram para a minha evolução enquanto Professor. Estas decisões põem à prova toda a capacidade que o Professor tem de improvisar consoante as condições de que dispõe e demonstraram a minha capacidade de as impor perante os imprevistos existentes.

Por último, no que diz respeito à **conclusão da aula**, apesar de nunca ter tido grandes dificuldades relativamente a este aspecto, a evolução ao longo do ano também foi bastante evidente, conseguindo descortinar mediante a aula, a informação mais substancial. Para além de realizar um balanço onde refiro os aspectos que ainda precisavam de ser melhorados, quais as maiores evoluções sentidas e a própria prestação dos mesmos no decorrer da aula, utilizei a demonstração de modo a que os alunos percebam o que pretendo. Muitos professores não atribuem muita importância a este parâmetro mas é fundamental realizar em todas as aulas uma apreciação do que foi efectuado, para os alunos terem noções concretas da utilidade dos exercícios em coerência com os objectivos pretendidos. Nesta parte, optei pela estratégia de os alunos arrumarem sempre o material para sentirem que são uma parte integrante das minhas aulas.

De modo geral penso que as minhas aulas decorreram satisfatoriamente, sem ocorrências de maior a registar. É obvio que em muitos casos tive que realizar decisões

de ajustamento perante situações imprevistas que provavelmente não foram as mais adequadas mas é através dos erros cometidos que se aprende.

Noutras situações fui um pouco mais ríspido para com os alunos mas sempre em prol do sucesso destes. Nunca senti dificuldades em conseguir arranjar estratégias eficazes para controlar estes casos, penso até que em alguns casos poderei ter sido um pouco mais duro face à realidade das situações.

No geral, senti um bom *feedback* dos alunos, sendo um bom indicador para mim dos níveis de interesse das minhas aulas pois os alunos revelaram-se, em grande parte destas, motivados e empenhados nas tarefas.

3.1.3. Avaliação

A avaliação surge, juntamente com o planeamento e a realização, como tarefa central da acção pedagógica de cada professor. É através dela que valorizamos ou desvalorizamos a aprendizagem de um aluno em relação a uma dada matéria. É, pois, importante ter os objectivos claramente definidos de modo a medir criteriosamente os progressos dos alunos.

O processo de avaliação tem um carácter regulador de toda a actividade do professor e do aluno. Em Núcleo de Estágio, optámos por realizar três formas de avaliação distintas mas complementares. Neste âmbito, foram contempladas a Avaliação Diagnóstica, a Avaliação Formativa, a Avaliação Sumativa e a Auto e Hetero-Avaliação, que intervêm no desenrolar do processo.

A **Avaliação Diagnóstica** teve como objectivo conhecer o nível dos alunos e da turma em geral face aos conteúdos a leccionar e foi realizada no início do 1º Período em relação às unidades didácticas a abordar no presente ano lectivo (Voleibol, Ginástica de Solo, Atletismo, Basquetebol, Ginástica de Aparelhos, Futebol e Dança).

A **Avaliação Formativa**, como parte integrante do processo ensino/aprendizagem, e tendo como objectivo informar o professor e/ou o aluno sobre o mesmo, ou evidenciar

as dificuldades por eles encontradas, desempenhou um papel de regulação e de reforço em todo este processo.

Esta avaliação permitiu-me determinar os meios mais apropriados para remediar alguns erros de execução e permitiu-me acompanhar todo o processo ensino/aprendizagem, possibilitando a realização dos ajustes que se entenderam necessários, quer ao nível dos conteúdos, quer ao nível dos objectivos operacionais. Foi neste contexto que a avaliação formativa teve a sua importância. Foram realizados dois momentos de avaliação formativa formal nas modalidades de Voleibol, Atletismo, Basquetebol, Ginástica de Aparelhos e Futebol e um momento na Ginástica de Solo. Os instrumentos de avaliação foram todos construídos no 1º Período, ficando esta tarefa facilitada para o resto do ano, os quais me permitiram encontrar estratégias apropriadas para desenvolver a turma no sentido correcto de uma evolução constante e plena.

A **Avaliação Sumativa** revelou-se a fase de balanço das aquisições de conhecimento relativas às actividades, o que me permitiu observar se os objectivos a atingir foram ou não alcançados.

Uma vez que os alunos foram avaliados em termos das componentes críticas visando a verificação das aquisições, em relação aos critérios previamente colocados (avaliação criterial), e, em termos comparativos dos alunos entre si (avaliação normativa), privilegiei, assim, uma avaliação mista. Em todas estas fases de avaliação o aluno foi avaliado no domínio cognitivo e técnico, empenhamento, assiduidade, higiene e comportamento.

Também a avaliação sumativa foi mais fácil de averiguar pois os instrumentos de avaliação já tinham sido construídos previamente. Contudo, esta etapa da avaliação é sempre complicada de efectuar pois o Professor tenta ser o mais correcto e justo possível na nota final dos alunos. Na disciplina de Educação Física, os alunos, na sua grande maioria, conseguiram obter resultados satisfatórios evoluindo do nível introdutório para o nível elementar e alguns até para o nível avançado.

Na disciplina de Dança também foi efectuada a avaliação sumativa respeitante ao primeiro semestre, que terminou em princípios do mês de Fevereiro. Os instrumentos de avaliação também já tinham sido elaborados no 1º Período, facilitando portanto todo

este processo. Diferentes parâmetros foram tidos em consideração (como a interpretação, composição, criatividade...) nas grelhas de avaliação tendo sido um verdadeiro desafio a elaboração destas mas, em conjunto com os colegas de estágio, trabalhámos bem este aspecto, de forma a sermos o mais rigorosos possível, e acima de tudo, tentámos ser cuidadosos e imparciais no tratamento dos dados.

A **Auto e Hetero-Avaliação**, foi realizada através de uma ficha que os alunos preencheram, onde demonstraram noções acerca da sua própria prestação e da dos colegas (domínio motor, cognitivo e das atitudes). Esta foi preenchida no final de cada Período.

De modo geral, todos os alunos sofreram alguma evolução nas unidades didácticas e temáticas leccionadas e levam para o ano seguinte uma bagagem bastante superior à que possuíam, quer em termos de desempenho motor, evidenciado pela comparação do nível inicial e do nível final de prestação dos alunos, quer a nível cognitivo, evidenciado pelas boas classificações nos testes de avaliação, quer na disciplina de Dança quer na de Educação Física.

3.2.INTER-RELAÇÕES NO MEIO ESCOLAR E COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL

Quando se fala numa Escola, não podemos deixar de falar das pessoas que dela fazem parte e no ambiente existente, isto porque, se tinha boas expectativas no que respeitava aos administrativos e corpo docente desta Escola, findo o ano lectivo, a minha impressão é ainda melhor.

Nesta escola existe uma óptima interacção entre todos os Professores de Educação Física e é de realçar que quando precisei de qualquer auxílio por parte do grupo de Educação Física, tive sempre uma resposta positiva e de entreajuda. Desde o principio do ano que os professores foram bastante altruístas para comigo. É um grupo acolhedor e sempre pronto a ajudar, concedendo-me experiências interessantes e valiosas para o futuro profissional. A convivência, o espírito de grupo e o profissionalismo foram os aspectos mais evidentes durante este ano lectivo. Para além de todo o apoio, carinho e

disponibilidade que todos os professores demonstraram, é de realçar a união e o espírito desportivo que todos demonstram.

Existe um grupo de pessoas com as quais me relacionei diariamente, que por vezes são esquecidas nestas análises, mas que eu não o poderia fazer pois estas também têm ajudado e facilitado muito a minha inclusão na vida social da Escola. Desde as auxiliares de acção educativa desta escola, as empregadas da sala dos Professores, às do Bufete, fotocópias e as auxiliares presentes no Pavilhão Gimnodesportivo, constituem sem dúvida, uma óptima base para a realização de um bom Estágio Pedagógico.

No início do ano lectivo, uma das questões que se levantava era relacionada com o Núcleo de Estágio, desde os colegas estagiários, passando pela orientadora de Estágio da Escola, até à orientadora de Estágio da Faculdade, nunca deixando de parte toda a comunidade escolar envolvente. No decorrer do ano lectivo, todas essas questões se clarificaram, visto que o convívio e o trabalho fizeram com que nos revelássemos quer como pessoas quer como profissionais, demonstrando sempre um grupo bem-disposto, respeitador, unido, cooperador e colaborador. Com o aparecimento de novos obstáculos e novos objectivos, o grupo de Núcleo de Estágio revelou-se ainda mais unido e coeso, realizando sempre um esforço para apoiar e amparar “o outro” de forma a dar tudo por tudo pelo grupo, pela prática pedagógica e pelo objectivo em comum – o crescimento e desenvolvimento profissional.

O apoio da Orientadora foi fundamental na medida em que a sua experiência e conhecimento foram determinantes, tanto na condução do processo ensino/aprendizagem como no êxito do meu desempenho e na minimização das minhas inseguranças. Desde o primeiro minuto, que se revelou disponível para nos ajudar e apoiar, demonstrando-se bastante profissional, dinâmica e conhecedora da realidade escolar, o que veio a facilitar o nosso crescimento e aperfeiçoamento não só na componente lectiva mas também na componente pessoal. Penso que o grau de exigência, que a Professora Clara nos impôs, foi algo de muito importante para o trabalho desenvolvido, permitindo-nos assim um aperfeiçoamento contínuo, estando sempre presente em cada passo pedagógico do nosso Estágio.

Quanto à Orientadora da Faculdade, Dr.^a. Elsa Silva, há que referir que os conhecimentos transmitidos ao longo deste ano de estágio tiveram sempre como objectivo, uma crítica construtiva do trabalho que iria sendo realizado. As suas críticas eram sempre acompanhadas de alternativas para corrigir os aspectos menos positivos das aulas de modo a que, de aula para aula, conseguisse melhorar a minha intervenção pedagógica. Apesar de não haver um acompanhamento tão próximo como com a Orientadora da Escola penso que quando assistiu às minhas aulas demonstrou ter um vasto leque de conhecimentos nesta área, dando-me muitas informações, preciosas para o sucesso.

Penso que a minha atitude e responsabilidade perante o trabalho e os vários actores com quem lidei foi de extrema entrega e cooperação e nunca renunciei ajudar quem precisou. Disponibilizei-me, sempre que necessário, para participar activamente na vida da Escola e a assiduidade e pontualidade foram parâmetros que tive em consideração desde que me comprometi a desempenhar as funções de Professor Estagiário, tentando também desenvolver estes aspectos nos alunos. Cumpri tudo o que me foi solicitado em termos de Estágio e em termos de Escola. Em todas as reuniões do Núcleo de Estágio com a Orientadora, fui capaz de aceitar todas as críticas, sendo elas positivas ou negativas, reflectindo principalmente sobre as negativas de modo a melhorar. Espero por isso que todos tenham gostado do meu contributo como Professor e como pessoa como eu gostei de todos na Escola em questão.

4. REFLEXÃO

4.1. ENSINO – APRENDIZAGEM E DIFICULDADES SENTIDAS

4.1.1. Aprendizagens realizadas e Dificuldades Sentidas

Como estagiário, sinto que adquirir um novo e vasto conjunto de competências que sem a realização deste Estágio Pedagógico seriam impossíveis de alcançar. Para mim, esta experiência foi completamente nova onde pude aplicar todo o conhecimento que obtive nos anos anteriores de Licenciatura e de Mestrado. Passo então a referir os principais pontos onde senti mais dificuldades e as consequentes aprendizagens realizadas durante todo o percurso efectuado por mim neste Estágio Pedagógico.

4.1.1.1. Relação Professor/Aluno

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor/aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interacção o expoente das consequências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

A relação que o professor tem para com os alunos, é de facto preponderante para um bom ensino-aprendizagem, já que o sucesso (ou não) da aprendizagem está fundamentado essencialmente na forte relação afectiva existente entre alunos e professores, alunos e alunos e professores e professores (MASSETO, 1996). Um dos meus receios no principio do ano lectivo foi a postura que deveria assumir perante as turmas de modo a ser respeitado, para que os comportamentos desviantes fossem reduzidos e a motivação acrescida. Segundo FREIRE (1999), o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até à intimidade do movimento do seu pensamento. A sua aula é assim um desafio onde os alunos se cansam e não dormem.

A minha postura começou por ser um pouco autoritária, impondo regras para facilitar a organização e gestão da aula, mas também para desenvolver princípios e comportamentos disciplinares, já que os alunos se mostraram muito irrequietos e faladores. No decorrer das aulas, a minha posição foi-se alterando para um estilo de liderança democrática, uma vez que compreendi que os alunos não eram mal comportados mas apenas um pouco distraídos, contribuindo para um clima agradável, dinâmico, motivador e sempre de respeito entre alunos e professor. Penso que uma boa relação, deverá ter sempre respeito, quer do professor em relação aos alunos, quer dos alunos em relação ao professor, e foi isso mesmo que eu tentei preconizar com todos os alunos da escola, não só com os das minhas turmas. Ambas as minhas turmas se demonstraram sempre disponível para aprender, mas também para ensinar os seus próprios colegas, tornando-a, assim, distinta e muito unida. Penso que a minha relação com os alunos não poderia ser melhor, visto que o diálogo prevaleceu tanto para resolução de problemas como esclarecimentos de dúvidas existentes. Sendo assim, este ponto onde pensei vir a ter bastantes dificuldades, foi facilitado devido às estratégias adoptadas por mim a também devido às características dos alunos que, apesar de distraídos, foram sempre respeitadores e interessados. Contudo, sei que um dia poderei leccionar aulas a turmas bastante mais complicadas, em termos de comportamento, onde diferentes estratégias terão que ser aplicadas.

4.1.1.2. Estilos de Ensino

Saber o melhor modo de como ensinar os nossos alunos a assimilar de forma ordeira e consistente os conteúdos que queremos transmitir é um verdadeiro desafio para qualquer Professor. Confesso que aprendi algumas noções referentes aos estilos de ensino e quando aplica-los, tendo em consideração as situações envolventes. Em alguns casos, tive dificuldades em aplicá-los mas fui adquirindo esta capacidade ao longo do ano. Após algumas pesquisas e em conversa com a Orientadora de Estágio, os estilos de ensino preferencialmente utilizados por mim foram: **o estilo por comando, o estilo por tarefa, o estilo por tarefa “Avaliação Recíproca”, e o estilo de “Auto-avaliação”**.

Deste modo, aprendi que o **estilo por comando**, do ponto de vista pedagógico, é considerado ultrapassado. No entanto, é um estilo ainda muito utilizado, principalmente por professores que se sentem inseguros, sobretudo nos aspectos de impor a disciplina. O professor toma o máximo de decisões, sendo que o papel do aluno é o de obedecer, cumprir e realizar. As estratégias baseiam-se sobretudo no emprego das demonstrações e na utilização de das vozes de comando para determinar: a tomada de uma posição, a execução de um exercício, a execução de um movimento, uma formação e uma forma de trabalho. Assim, a inter-relação professor-aluno tem um carácter formal. Mas os “efeitos” não são sempre negativos. Quando se trata de obter em curto espaço de tempo um desenvolvimento quantitativo, por exemplo melhorar qualidades físicas, ele revela-se mais eficaz do que outros estilos mais liberais. Utilizei este estilo de ensino em praticamente todas as minhas aulas, mas preferencialmente, no início da leccionação das diferentes unidades didáticas para que os alunos comesçassem a adquirir rotinas em relação às aulas das diferentes modalidades e para ter um maior controlo sobre estes.

O **estilo por tarefa** representa o primeiro passo em direcção ao ensino centrado no aluno. O professor continua a ser ainda o centro do processo, pois ele selecciona os objectivos, escolhe as estratégias, e determina as formas de organização, que são entretanto menos rigorosas. O professor encontra-se mais livre em relação às preocupações com a organização, explicações e comandos, o que lhe permite concentrar as atenções sobre as aprendizagens dos alunos (dá mais feedback’s). Permite agrupar os alunos por diferentes níveis de habilidades/dificuldades. Possibilita controlar o tempo de actuação dos alunos numa tarefa. O aluno, neste estilo, tem a responsabilidade de escolher entre as tarefas propostas pelo professor, as que deseja realizar. Este estilo tem algumas limitações como: não é eficiente para o professor comunicar directamente aos alunos o conteúdo de cada tarefa; é difícil construir uma progressão entre duas tarefas.

O **estilo por tarefa “Avaliação Recíproca”** é um segundo passo na direcção de tornar o aluno independente. Os alunos trabalham em pares e tomam a responsabilidade de certas funções de ensino principalmente os feedbacks. Os alunos praticam usando critérios (designados pelo professor) e estão empenhados em “skills” de observação e de audição comparando e contrastando, concluindo e comunicando os resultados ao companheiro. O professor delega aos estudantes a avaliação da aprendizagem, embora

ele mesmo estabeleça os critérios para que a mesma seja efectuada. A atenção do professor concentra-se mais nos avaliadores do que nos executantes.

A investigação sobre este estilo tem demonstrado que o êxito aumenta à medida que o número de pessoas diminui num grupo de aprendizagem (Cooke, Heron e Heward, 1993; Bloom, 1984) e as aquisições mais destacadas se obtêm com uma fórmula em que os participantes trabalham individualmente. Vantagens deste estilo: os alunos tutores têm muitas vantagens a ensinar os seus colegas; os grupos podem progredir a um ritmo que conduz a uma maior domínio do conteúdo; os alunos desenvolvem o seu sentido de responsabilidade. Desvantagens: o tempo requerido para a aprenderem a ser tutores e os esforços para individualizar o conteúdo para que os alunos progridam com ritmos diferentes; o facto de um aluno fazer a tarefa e outro observar (o número de respostas não é tão elevado); o êxito deste estilo está dependente da relação de trabalho entre alunos. As conclusões da investigação relativamente a este estilo indicam que esta estratégia favorece o desenvolvimento social (Slavin, 1998) e aumenta as oportunidades de êxito escolar dos alunos. Posso dizer que o utilizei principalmente na leccionação das modalidades individuais (Ginástica e Atletismo), onde muitas vezes colocava os alunos a identificar as componentes críticas realizadas incorrectamente pelos colegas, das tarefas ou gestos técnicos e realmente pude observar melhorias na aprendizagem dos alunos.

Por último mas não menos importante, o **estilo de “Auto-avaliação”**, que proporciona aos alunos a oportunidade de realizar as tarefas que foram indicadas pelo professor e de serem eles próprios a fazer a avaliação segundo os critérios definidos. A essência deste estilo está na precisão em comparar e contrastar e no desenvolvimento da honestidade. O aluno é colocado no centro do processo educativo. Ele passa a ser elemento activo, o que o leva a formular problemas e encontrar respostas, procurando descobrir. Princípio de que ”aprender é resolver problemas”. Utilizado também praticamente em todas as aulas, principalmente através do questionamento no final da realização de tarefas.

4.1.1.3. Utilização de *Feedbacks*

Também aprendi muito acerca dos tipos de *feedback* e quando utiliza-los nas diversas situações, que espelham o modo como o professor consegue levar os alunos ao sucesso numa tarefa ou gesto técnico. Atribuí bastante significado aos *feedbacks* já que estes são responsáveis por grande parte do nível de aquisição de aprendizagens por parte dos alunos. BILODEAU (1966) comprovou que sem *feedbacks* não há aprendizagem, já que os alunos progridem quando os recebem, mas param de progredir ou regredem quando deixam de os receber.

Segundo McGOWN (1991), *feedback* é a informação que se obtém após uma resposta, e é geralmente vista como a mais importante variável que determina a aprendizagem, logo a seguir à prática propriamente dita. Segundo GODINHO, MENDES e BARREIROS (1995, p. 217) *feedback* "é a expressão genérica que identifica o mecanismo de retro-alimentação de qualquer sistema processador de informação". É o retorno de informação que permite ao sistema avaliar o quanto os objectivos foram cumprido, é uma condição obrigatória para ocorrer aprendizagem. Sem essa informação de retorno o sistema comporta-se como se estivesse cego, ou seja, não existe uma auto-avaliação e as respostas desfasadas continuarão a ocorrer, tanto em termos espaciais como temporais. MARTENIUK (1986) define o *feedback* como sendo uma resposta produzida pelo movimento realizado, obtendo informações cinéticas e cinemáticas do mesmo. SCHMIDT (1993) afirma que *feedback* é qualquer tipo de informação sensorial sobre o movimento, não exclusivamente com referência a erros. Ainda segundo SCHMIDT (1993), o *feedback* pode ser uma consequência natural do movimento, num processo de percepção pelo próprio executante e, pode também ser de outras formas, que não são tão óbvias para o aluno. Sem dúvida, o *feedback* verbal está frequentemente sobre o controle directo do instrutor; então, ele ocupa uma grande parte na organização da prática. É fundamental fazer uma correcta avaliação das necessidades do *feedback* para a detecção dos erros que o aluno comete. Não é útil ser redundante e proporcionar uma informação que o aluno pode captar por si mesmo. Por outro lado, é necessário transmitir informações sobre aqueles aspectos que o aluno não pode captar por seus próprios meios, nota-se neste aspecto a competência pedagógica e técnica do professor.

Para a uma melhor aprendizagem por parte dos meus alunos tentei utilizar *feedbacks* avaliativos, prescritivos, descritivos e interrogativos, tanto dirigidos à turma como dirigidos ao aluno, sempre com uma dimensão de afectividade positiva e nunca atribuí *feedbacks* negativos, já que a literatura existente acerca deste parâmetro de intervenção pedagógica assim o indica. Tudo isto com o objectivo, não só de informar os alunos acerca dos erros cometidos e formas de os corrigir ou evitar mas também de motivar e de fazer um reforço que aumente a possibilidade da resposta correcta voltar a ser repetida futuramente. Como é óbvio, nem sempre atribuí os melhores *feedbacks* aos meus alunos e ainda terei muito que aprender de forma a conseguir adaptá-los a situações concretas existentes nas aulas. Contudo, penso que evoluí muito desde o início do ano até ao final do mesmo e que continuarei a evoluir até ao final da minha carreira como docente (caso a venha a exercer futuramente).

4.1.1.4. Planeamento

As dificuldades em relação a este ponto foram diversas. Senti que não tinha ainda um conhecimento profundo das condições gerais e locais da educação, das condições imediatas da relação educativa, da especificidade da Educação Física e, principalmente da Dança, no currículo do aluno e até das características dos meus alunos. Queria planejar com rigor e o diminuto conhecimento de alguns parâmetros atormentavam uma construção de um planeamento que pretendia que fosse exímio. Inicialmente, pretendi realizar um planeamento sem falhas onde as alterações fossem escassas ou quase inexistentes. Contudo, fui-me apercebendo que nem o docente mais competente consegue realizar um planeamento que preveja todas as situações e imprevistos e que, consequentemente, não necessite de alterações.

À medida que me fui integrando no contexto cultural e social da escola e dos alunos e que fui conhecendo de modo profundo os planos curriculares e analisando os programas de Educação Física e de Dança, consegui ir ajustando todo um planeamento à minha realidade.

Fui chegando à conclusão que o planeamento tinha que ser maleável, pois nem tudo decorria consoante o esperado. Embora quisesse que tudo decorresse segundo o planeado, a realidade impunha diversas variáveis que conduziam à sua alteração.

O grande número de alunos, fez-me também ter muito cuidado no planeamento das aulas, adoptar estratégias para poder otimizar o tempo potencial de aprendizagem e conseguir alcançar um ensino o mais individualizado possível. Apesar de inicialmente motivados para a prática de actividade física, tentei que este estado se mantivesse ao longo de todo o ano.

4.1.1.5. Avaliação

A avaliação foi um dos aspectos onde senti mais dificuldades durante todo o ano lectivo. Talvez por ter receio de ser injusto com os alunos ou pela dificuldade que a elaboração de grelhas de avaliação, específicas e bem estruturadas, apresentou. Contudo, foi um processo muito bem desenvolvido em termos de Núcleo de Estágio e facilitado pela constante cooperação do mesmo. Talvez tenha sido este o parâmetro onde adquiri mais noções e conhecimento, isto porque ainda era muito inexperiente em questões relacionadas com a avaliação.

Sendo assim, o Núcleo de Estágio contemplou quatro tipos de avaliação: **avaliação diagnóstica, formativa, sumativa e auto e hetero-avaliação**

A **avaliação diagnóstica** teve como função principal avaliar o nível geral da turma e individual de cada um dos alunos. Este tipo de avaliação permitiu planear as actividades a desenvolver, bem como estruturar as unidades didácticas.

O Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de Fevereiro refere, no ponto dezoito, que *“A avaliação diagnóstica conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma, facilitando integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a avaliação formativa”*.

Este tipo de avaliação foi de extrema importância, na medida em que foi o principal elo de ligação para a etapa do planeamento.

Segundo RIBEIRO (1999), a avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes.

A avaliação diagnóstica ou inicial surge com a necessidade de orientar o processo de ensino-aprendizagem, de definir os objectivos, ou seja, de saber qual a direcção que devemos imprimir ao percurso de desenvolvimento dos alunos.

Para que os meus alunos realizem as aprendizagens que os conduzam ao seu desenvolvimento, é imprescindível começar por identificar as suas dificuldades e perceber as suas possibilidades. O processo de avaliação inicial tem, assim, por objectivos fundamentais, diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens previstas que poderão vir a realizar com a ajuda do professor e dos colegas, na aula de Educação Física (CARVALHO, 1994).

Assim, uma avaliação com esta finalidade que sirva para situar os alunos em relação ao programa cujos objectivos estão aptos a cumprir pressupõe:

- que os alunos sejam confrontados com todas as matérias de Educação Física seleccionadas, tendo por referencia o programa nacional e as adaptações que o grupo entendeu efectuar aquando da elaboração do seu projecto educativo;
- um período de tempo alargado para que o professor possa recolher dados sobre a forma como os alunos aprendem e prognosticar o seu desenvolvimento;
- que o contexto das aulas onde ocorre essa avaliação seja típico da aula de Educação Física – onde o ensino e a aprendizagem são características fundamentais, num clima de permanente desafio e não apenas um período em que os alunos são examinados.

Não encarei a avaliação simplesmente como forma de proceder ao diagnóstico do nível inicial dos alunos, em determinada matéria, para no final de um período de trabalho confrontar esses dados com os resultados alcançados e avaliar a sua progressão. Nem tão pouco quando já foram decididas as matérias/actividades a leccionar, a ordem segundo o qual se vão trabalhar, os objectivos a alcançar, o número de aulas a destinar a cada matéria/conteúdo, as progressões pedagógicas, etc.

Como já foi referido anteriormente, no início do ano lectivo foi realizada a avaliação diagnóstica utilizando instrumentos de avaliação elaborados com o objectivo de verificar o nível dos alunos nas diversas modalidades e com isso foi possível planear a extensão e sequência de conteúdos das unidades didácticas, planear as estratégias para a turma e planear o processo de avaliação.

A **avaliação formativa** foi realizada ao longo do processo de ensino e informou-nos como os alunos estão a aprender, regulando e aproximando o processo de ensino e aprendizagem. Esta avaliação foi determinante para a tomada de decisões de reajustamento do processo de ensino e aprendizagem, adaptando-o às necessidades dos alunos.

De acordo com o Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de Fevereiro a avaliação formativa é *a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem.*

A avaliação formativa fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho.

A avaliação formativa é da responsabilidade de cada professor, em diálogo com os alunos e em colaboração com os outros professores, designadamente no âmbito dos órgãos colectivos que concebem e gerem o respectivo projecto curricular e, ainda, sempre que necessário, com os serviços especializados de apoio educativo e os encarregados de educação, devendo recorrer, quando tal se justifique, a registos estruturados.

A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar uma solução (RIBEIRO, 1999), orientando e regulando a nossa actividade pedagógica, bem como controlar os seus efeitos – a aprendizagem (CARVALHO, 1994). A avaliação assume uma função formativa quando pretendemos recolher informações que permitam uma adaptação do ensino às diferenças individuais observadas na aprendizagem.

A avaliação formativa pode assumir duas modalidades distintas:

- **Avaliação contínua** – integração da avaliação formativa nas actividades de ensino e aprendizagem, que conduz a um diagnóstico e orientação individualizados durante a aprendizagem. Ou seja, existe uma regulação interactiva do processo ensino-aprendizagem. Ocorre informalmente em todas as aulas, como resultado da interacção dos intervenientes no processo de ensino e aprendizagem, e se revela nos desafios colocados, nos feedback's emitidos, na adaptação das tarefas, resolução de problemas, etc.
- **Avaliação formativa formal ou pontual** – realiza-se após um período de actividades de ensino e aprendizagem, de forma a verificar os objectivos atingidos e não atingidos, que posteriormente conduz a actividades de remediação. É um balanço da actividade realizada num determinado período de tempo, que ratifica a avaliação contínua e permite ao professor e ao aluno tomar decisões relativamente à orientação/regulação do seu trabalho.

Nesta perspectiva, a avaliação pressupõe um sistema de recolha e interpretação de dados para que, professores e alunos possam adaptar a sua actividade aos progressos e problemas de aprendizagem verificados e decidir novas prioridades, novos desafios, outras possibilidades para aprenderem. Trata-se pois, de uma referência fundamental e determinante no planeamento do processo de ensino-aprendizagem (CARVALHO, 1994).

O aperfeiçoamento das minhas práticas avaliativas no âmbito da avaliação formativa foi um factor importante no desenvolvimento da Educação Física, sendo que

a qualidade do ensino é tanto melhor quanto mais decisões pedagógicas forem devidamente fundamentadas e suportadas em informações provenientes do percurso de aprendizagem/desenvolvimento dos alunos (CARVALHO, 1994).

Na avaliação formativa foram recolhidos dados como o empenho, o comportamento, a higiene, a pontualidade e a assiduidade. Estas grelhas também deram imenso trabalho a elaborar e penso que me poderão ser muito úteis no futuro.

A **avaliação sumativa** foi realizada no final de cada uma das unidades didácticas leccionadas e teve como objectivo aferir as aprendizagens realizadas pelos alunos o que permitiu ao professor atribuir uma classificação.

O Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de Fevereiro refere que *a avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular.*

A avaliação sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de a aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino. Corresponde, pois, a um balanço final, a uma visão de um conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares.

A avaliação sumativa torna-se, assim, pertinente no final de um qualquer segmento de aprendizagem, seja ele uma ou mais unidades de ensino, parte de um programa ou programa de todo um ano escolar.

Os instrumentos elaborados para a avaliação sumativa prática foram idênticos aos da avaliação diagnóstica e formativa. Para a avaliação teórica foram elaborados testes de avaliação sumativa para as modalidades abordadas.

É importante não esquecer que a avaliação sumativa não é um acto isolado, mas deve estar interligada com a avaliação diagnóstica e formativa, no sentido de traduzir a evolução do aluno ao longo das unidades didácticas, sendo potenciadas as aprendizagens realizadas pelos alunos. Nesse sentido, o resultado da avaliação sumativa

foi entendido como a soma da avaliação formativa com a sumativa e não foi apenas o que os alunos realizaram nos dias da avaliação sumativa.

Já a **auto e hetero-avaliação**, dois tipos de avaliação que se complementam, tiveram como objectivo informar o professor sobre a noção que cada aluno tem sobre a sua própria prestação (domínio motor, cognitivo e das atitudes) ao longo das aulas e sobre a opinião dos colegas relativamente ao mesmo.

Pretendeu-se deste modo que os alunos desenvolvessem o seu sentido crítico acerca da sua performance e da dos colegas, bem como das capacidades que tiveram oportunidade de desenvolver.

4.1.2. Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos

Segundo CAMPAGNA e SCHWARTZ (2007), entende-se que o profissional de Educação Física, comprometido com a formação dos alunos, deve estar sempre à procura de novas formações, para que tenha a competência necessária para realizar aulas com qualidade, visando a melhor formação do aluno e a assimilação de conhecimentos. Nesta perspectiva, compromisso não é apenas chegar a horas certas e não faltar, é muito mais do que isso. Tentei deste modo assumir uma postura reflexiva, elevei as minhas possibilidades de realizar uma análise mais complexa da realidade onde intervimos, tanto em nível pessoal, quanto social, aprimorei as minhas capacidade de construir estratégias de acção capazes de utilizar o conhecimento construído na, durante a e sobre a prática, no sentido de empreender nela, as transformações que procurava. Para isto, afirmo que realizei algumas pesquisas e que a minha orientadora de me ajudou em todas as questões relevantes que lhe coloquei.

Desde o principio do ano até ao seu final que me comprometi a que o meus alunos tivessem uma evolução plena, não só desportiva, mas também social e cultural, de modo a marcar as suas vivências positivamente. Comprometi-me a promover o gosto pela prática regular das actividades físicas e aprofundar a compreensão da sua importância como factores de saúde e componente da cultura, na dimensão individual e social tal como promover a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à

interpretação nas estruturas sociais no seio das quais se desenvolvem as actividades físicas. É necessário referir que a sociedade e a escola exercem um papel importante na qualidade das aulas ao propiciar maior ou menor suporte à prática docente com consequências nas condições de trabalho. Desta forma, as actividades desportivas, recreativas e rítmicas devem ser consideradas como meios mais eficazes para promover a socialização dos alunos, uma vez que normalmente são realizadas em grupo, dos quais obedecem ao princípio da cooperação entre os seus componentes, estimulando-os no seu comportamento social, auto-controlo e respeito pelo próximo.

Concluo assim que tentei ser o mais profissional possível, planificando no sentido de promover o acesso equitativo de todos os alunos das turmas ao conhecimento (cognitivo, sócio-afectivo e psico-motor), diferenciando o ensino com base na informação de retroacção recolhida da avaliação, para que todos eles se sentissem motivados e integrados no processo ensino-aprendizagem. Um outro aspecto que necessito de frisar, é que promovi a aprendizagem de todos os alunos independentemente das suas capacidades, das suas idades, das suas alturas, das suas cores de pele... Tive o cuidado de olhar para todos da mesma forma não fazendo qualquer distinção entre estes.

4.1.3. Inovação nas Práticas Pedagógicas

O professor de hoje em dia tem uma fraca tradição de investigação em educação. Estamos habituados a reformar a educação de maneira puramente empírica, sem base científica. Tal hábito tem-nos custado caro e os seus efeitos serão hoje particularmente perniciosos, pois a nossa época exige que decisões da importância das que incidem sobre a educação tenham uma base o mais rigorosa possível, tanto empírica como reflexiva (PATRÍCIO, 1988). Claro que também é importante referir que, por vezes, as inovações pedagógicas estão dependentes do meio em que o professor se encontra inserido e limitado pelo mesmo.

A formação de futuros professores deve desenvolver atitudes de investigação e constante questionamento, abertura à experimentação e à inovação. Assim, do professor principiante se espera uma atitude permanente, não formal, de auto-formação e

investigação constantes, nomeadamente, através de leituras seleccionadas de textos significativos, que lhe permitam uma actualização permanente em relação ao meio escolar que o rodeia, ajudando os alunos a contextualizar conhecimentos, preparando-os para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais complexo, exigente e tecnológico.

Podemos então entender as inovações das práticas pedagógicas como estratégias pedagógicas que sejam efectivas na produção do conhecimento e que estejam em consonância com as directrizes educacionais da educação. Sendo assim, a educação não deve ser apenas compreendida e centrada na escola, sala de aula, mas uma educação concebida como aprendizagem constante que investe na aquisição de novos conhecimentos, novas estratégias, de forma contínua.

Sem dúvida que a nova era tecnológica permite aos docentes alargar a sua forma de actuar perante um ensino que, dia após dia, se tem tornado mais exigente e rigoroso. Devo referir que para todos os meus alunos da turma de Dança, elaborei um DVD interactivo, que entreguei no final do ano, que continha todas as apresentações e espectáculos realizados por eles, tal como fotos, músicas e material de avaliação. Para isso, usei meios auxiliares tecnológicos, tais como câmaras de filmar, câmaras fotográficas e gravadores de som. Parecendo que não, isto criou expectativa e motivação nos alunos durante o ano pois evidenciava-se a sua ânsia de receber os DVDs com as suas prestações incluídas. Também adquiri conhecimentos a nível de programas informáticos, como o Photoshop e o Windows Media Player , pois realizei cartazes para actividades tal como vídeos de suporte. Já o Microsoft Excel me permitiu elaborar grelhas, particularmente de avaliação, muito bem estruturadas de forma a poder evidenciar a evolução dos alunos, de modo claro e objectivo, facilitando grandemente todo este processo. Relativamente à leccionação das aulas, optei por realizar sempre jogos motivantes como forma de aquecimento, tentando assim fugir à tradicional corrida de aquecimento, e exercícios motivantes com pequenas filas de espera e elevado tempo de empenhamento motor. Penso que fiz os possíveis dentro da Escola em que me encontrei inserido, tendo em consideração as condições envolventes.

Concluo que a prática pedagógica estará sempre em inovação contínua, em busca da construção do saber. A importância da inovação na prática pedagógica implica a

releitura da função do professor como profissional reflexivo e da escola como organização promotora de desenvolvimento do processo educativo. Sendo assim, os fenómenos educativos, com as inovações, desenvolvem estratégias e atitudes de investigação pedagógica e autênticas novas formas de aprender.

4.1.4. Formação Contínua e Dificuldades a Resolver no Futuro

Entendo que um professor incluído no sistema educativo em permanente mudança, fruto das alterações evidentes da sociedade em que se insere, tem como dever actualizar-se de forma a conseguir dar resposta aos desafios permanentes da profissão. Como a Educação Física é uma disciplina orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno e como é de carácter multidisciplinar, o professor deve estar constantemente actualizado, já que as regras das modalidades mudam constantemente.

A formação contínua sempre fez parte da minha postura enquanto ser humano curioso e interessado. É neste sentido que continuo a requerer diversas formações específicas para ampliar os meus conhecimentos, quer de ordem teórica quer de ordem prática (por exemplo, este ano já participei no I Fórum Internacional das Ciências de Educação Física e no workshopn “Goalball” sobre futebol para cegos). O grande problema é que os professores cada vez têm mais tarefas para desempenhar na sua profissão, nas escolas onde estão inseridos, diminuindo conseqüentemente o tempo livre para apostar na formação pessoal.

Em Portugal, a formação contínua tem vindo a adquirir uma importância crescente, quer como prática, quer como objecto de investigação, sobretudo desde a publicação própria e da criação de estruturas de enquadramento. Através de um leque variado de actividades de formação, organizadas por instituições educativas ou pelos professores, a formação contínua é vista como um investimento na elevação das competências profissionais dos professores e, conseqüentemente, na melhoria da qualidade de ensino.

É com sinceridade que confesso que por vezes, em algumas matérias leccionadas durante o ano, senti um certo receio e medo, por não dominar completamente o que leccionava e daí concluo que o professor tem que ser um formando em completa

actualização de saberes. Também reconheço que terei que aprofundar conhecimentos acerca da qualidade, pertinência e utilização de *feedbacks* nas aulas tal como acerca de assuntos relacionados com o processo avaliativo dos alunos.

4.2. QUESTÕES DILEMÁTICAS

A iniciação de carreira de um professor é muitas vezes, difícil e conflituosa devido a problemas de integração e a uma mudança radical de vida. Devido a sentimentos de insegurança, frustrações e grandes mudanças muitos deles desmotivam e ficam decepcionados com a profissão que escolheram. Esse não foi o meu caso. Contudo, algumas hesitações surgiram durante o meu estágio. Como estagiário que fui, que pela primeira vez leccionou aulas numa escola, num contexto real onde os conhecimentos obtidos até à data foram transportados para a prática, foram vários os momentos em que senti indecisões acerca de como resolver os problemas e dilemas que surgiam ocasionalmente.

Na leccionação das aulas, o estilo de ensino e a correcta utilização de *feedbacks* talvez tenham sido os pontos que mais questões fizeram levantar. Tive algum receio que não fossem os mais correctos por isso fiz pesquisas e debati com a orientadora de estágio, conseguindo superar as dificuldades sentidas.

No planeamento também surgiram alguns dilemas. Este teve que ser efectuado tendo em consideração diversos aspectos, tais como o espaço para a possível realização das aulas, os recursos materiais disponíveis, objectivos comportamentais, conteúdos, estratégias... e que, durante a sua formulação, tive que considerar a sua sequência progressiva e significativa, garantindo-lhe uma coerência e continuidade para que se efectivasse todo o processo de ensino/aprendizagem. Todas as opções tomadas em relação ao planeamento foram bastante premeditadas de forma a garantir a sua exequibilidade.

A avaliação também foi um processo que gerou algumas dúvidas uma vez que assume uma das tarefas centrais no papel do professor. Para que a avaliação seja um

processo equitativo, imparcial e justo, foi necessário seleccionar e uniformizar todo e qualquer critério avaliativo. A construção das grelhas de avaliação constituiu um verdadeiro desafio, onde muitas opções foram tomadas de forma a estas nos transparecerem o nível mais adequado e individualizado possível de cada aluno.

4.3. ÉTICA PROFISSIONAL

A educação assenta numa prática de relação humana o que, só por si, justificaria o estatuto ético e moral da profissão. Mas acontece que esta não é uma relação inocente, ela obedece à intenção de intervir na vida de outras pessoas, procurando influenciar positivamente o seu percurso de desenvolvimento. Daqui decorre um poder e uma responsabilidade impossíveis de alienar e, do meu ponto de vista, não se podem restringir a um conjunto de regras de conduta profissional.

4.3.1. Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade

Quanto à minha capacidade de iniciativa e sentido de responsabilidade penso que ofereci o meu contributo máximo à escola em questão e às pessoas que nela actuam. Nunca faltei naquilo que me comprometi e aprendi a conviver com pessoas que pensam e agem de modos diferentes, a respeitar as suas opiniões e crenças e a saber lidar com isso tudo em proveito próprio e do grupo, o que me fez perceber que o desenvolvimento de algumas competências especiais é fundamental para viver num mundo globalizado repleto de contradições. Esforcei-me por procurar saber e fazer mais com o objectivo de enriquecer a minha cultura escolar, sendo um profissional ético, completo e humanístico participativo em todos os âmbitos da comunidade em que trabalhei, cumprindo sempre o meu papel. Ofereci-me para participar activamente em todas as actividades promovidas pela escola e percebi que o meu contributo foi valioso e necessário.

Contudo, certamente que ainda existem professores que fazem da docência um trabalho a mais, com o objectivo de complementar o seu salário, sem se preocuparem

com o ensino de qualidade e a responsabilidade com seus alunos, esquecendo-se da ética, em função do lucro. Penso que nunca farei parte desta “categoria” de docentes e que as minhas atitudes serão sempre em prol dos meus alunos e da escola onde possa vir a exercer a minha profissão.

4.3.2. Importância do Trabalho Individual e de Grupo

O trabalho realizado por mim na Escola Básica Marquês de Marialva – Cantanhede, foi sobretudo um trabalho baseado na colaboração e articulação entre os membros do Núcleo de Estágio. Em todos os trabalhos que efectuámos partilhámos informação e o espírito de entreajuda esteve sempre presente. Conseguimo-nos entender perfeitamente enquanto profissionais e enquanto seres humanos, apesar das nossas diferentes personalidades e métodos de trabalho. Acredito que adquiri mais competências, aptidões e saberes do que trabalhando isoladamente, onde a partilha de opiniões e ideias seria inexistente, o que não promove a evolução dos métodos utilizados nem uma avaliação correcta dos mesmos. Também houve, da minha parte, bastante cooperação com outros professores, principalmente do grupo de Educação Física, e também com a Professora Anabela Cutelo (Coordenadora de Departamento à qual realizei assessoria), tanto na organização de eventos como até em partilha de material didáctico. São vários os autores que defendem o trabalho colaborativo nas escolas. CREESE, NORWICH e DANIELS (1998), baseados em amplo estudo realizado na Inglaterra, apresentam evidências de que escolas em que predominam culturas colaborativas são mais inclusivas, isto é, apresentam menores taxas de evasão e formas mais efectivas de resolução de problemas dos estudantes. NONO e MIZUKAMI (2001) salientam a importância da partilha de experiências entre professores, explicando que pode favorecer o desenvolvimento da destreza na análise crítica, na resolução de problemas e na tomada de decisões. DANIELS (1998) argumenta que as culturas de trabalho colaborativo são importantes ambientes para a promoção de trocas de experiência e, consequentemente, de aprendizagens, promovendo incremento nesses parâmetros. Os trabalhos LOIOLA (2005) são outros exemplos de investigações cujos achados indicam que o trabalho colaborativo entre docentes constitui-se em excelente espaço de aprendizagem, permitindo a identificação de suas forças, fraquezas, dúvidas e

necessidades de reconstrução, a socialização de conhecimentos, a formação de identidade grupal e a transformação de suas práticas pedagógicas. O trabalho isolado, segundo os autores, limita as possibilidades de o professor ter uma avaliação mais ampla e objectiva do seu trabalho, uma vez que ele não é objecto de exposição e análise, restringindo assim as possibilidades de melhoria.

Contudo, não significa que se trabalhe sempre colectivamente. Trabalhar colaborativamente implica que cada indivíduo tenha um contributo a dar que tem de ter o seu processo de construção individual e singular, que requer também tempos e modos de trabalho individuais. Algum do trabalho desenvolvido por mim foi realizado individualmente. Algumas tarefas de trabalho colaborativo incluíram momentos de trabalho individual para preparar ou aprofundar o trabalho no colectivo no momento seguinte. Trabalho e estudo individual, mas que se concebe na lógica do regresso ao contributo para o todo, e ao confronto com os outros, como matriz regular de produção de conhecimento. Como FULLAN e HARGREAVES (2000), defende-se a reconciliação dos dois tipos de actividades – grupais e individuais – entendendo que qualquer delas, sem a outra, limita o potencial de trabalho dos professores.

É óbvio que, para que exista um trabalho colaborativo pleno entre todos os intervenientes na escola, é necessário que exista um ambiente propício, onde os professores se sintam respeitados como profissionais com um saber específico e uma responsabilidade de partilha. Um ambiente onde todos estejam disponíveis para se ajudarem uns aos outros na missão essencial de assegurar aos alunos – a todos os alunos – o cumprimento do seu direito de aprender.

Por acaso tive a sorte de a grande maioria dos professores e funcionários serem muito altruístas e acessíveis e, sempre que necessário, a colaboração era visível. Por exemplo, nas actividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estágio, foi essencial a cooperação de alguns docentes e funcionários, não constituindo isso um problema pois todos eles se mostraram disponíveis. Já noutros eventos promovidos pela escola (inter-escolas, compal-air, festas de carnaval e de natal, ect) foi pedida a colaboração do Núcleo de Estágio que se ofereceu prontamente para ajudar. São dois exemplos, entre muitos, de trabalho colectivo que surtiu efeitos satisfatórios no seio da Comunidade Escolar.

4.4. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

Posso referir que foram muitas as competências adquiridas durante os meus anos de Licenciatura e de Mestrado. A grande maioria foi de ordem teórica mas também passei por algumas experiências de ordem prática, que me prepararam, de certo modo, para desempenhar as funções de docente. Permitiu-me também colmatar algumas questões formativas da minha actividade como estudante, o que se tornou preponderante para a integração da minha prática na escola onde realizei o Estágio. Contudo, foi no Estágio Pedagógico onde aprofundei conhecimentos e os transpus para a prática e onde, certamente, acarretei uma bagagem colossal de saberes.

4.4.1. Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar

O Estágio Pedagógico, no contexto da Escola Básica Marquês de Marialva – Cantanhede, teve um certo impacto pois, através deste, foram realizadas actividades pioneiras com as turmas de Dança. Foi o primeiro ano em que se formaram turmas para uma disciplina (Dança) que nunca tinha sido abordada na escola em questão. A primeira actividade desenvolvida pelo Núcleo de Estágio, com o tema “Estar em Forma”, no âmbito da disciplina Projectos e Parcerias Educativas, que já foi descrito anteriormente, foi desenvolvida de raiz e teve um certo impacto sobre toda a comunidade escolar. Isto foi evidenciado pelo grande número de pessoas que constituía o público e pelos aplausos ouvidos. Na festa de natal também desempenhei um papel bastante activo e preponderante. Penso que esta também teve um certo impacto no contexto escolar já que nela participaram professores, funcionários e alunos. Nas turmas onde leccionei, penso que o impacto foi mais a nível de algumas inovações das práticas pedagógicas, que já referi anteriormente, que conduziram a algumas mudanças e novidades para os alunos. Para além do já mencionado, julgo que a Coordenadora de Departamento, Anabela Cutelo, que assessorei durante todo o ano lectivo, também beneficiou da realização do meu estágio, uma vez que contribuí com a minha ajuda no desempenho das suas funções e com toda a modéstia, no meu ponto de vista, fui um importante contributo,

assim como ela o foi para mim, ao permitir que me enriquecesse com a troca de experiências.

Contudo, a presença dos estagiários na escola não foi vista com relevo especial, incomum ou estranho, visto já existir à vários anos um protocolo com a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Igualmente para os alunos, que foi com grande normalidade que encararam a presença dos estagiários, respeitando-os e contribuindo para uma harmonia recíproca. Aos restantes professores da escola, também foi com naturalidade e com grande satisfação que nos receberam, bem como os restantes funcionários da escola, que demonstraram grande carinho e admiração por nós.

4.4.2. Prática Pedagógica Supervisionada

Este foi um dos aspectos que maior influência exerceu na minha evolução como docente ao longo de todo o ano.

Toda a experiência adquirida de aula para aula, assim como as análises críticas realizadas deram um importante contributo nesta minha transformação gradual. No entanto, as aulas assistidas vieram como que acelerar esta transformação, garantindo ainda que a mesma seguisse linhas orientadoras correctas e bem definidas, para que eu não criasse vícios passíveis de influenciar negativamente a minha função como docente. Pois como nós sabemos, por vezes é fácil envolvermo-nos demasiado em determinados exercícios, ou com os alunos mais perturbadores, não nos apercebendo depois de tudo o que se passou à nossa volta, ou não tendo a capacidade de nos distanciar de um determinado contexto para realizar uma análise crítica e construtiva sobre a toda situação. Sendo assim, a observação e posterior discussão acerca das nossas aulas por diferentes elementos, permite-nos ter acesso a um conjunto de informações sobre as nossas limitações e/ou distrações, possibilitando-nos assim melhorar a nossa prestação docente.

Na minha opinião, as aulas assistidas destacam-se como uma das actividades mais enriquecedoras do estágio pedagógico, pois a necessidade de ser questionado acerca das

minhas convicções e confrontado com a minha inexperiência, fez-me perceber que nem sempre o que se sabe ou se aplica é o suficiente ou o mais adequado à situação em causa. Assim, agradeço não só aos meus colegas de estágio como às Orientadoras da escola e da faculdade, pela sua frontalidade e franqueza, quando de uma forma fundamentada e reflectida, realizaram críticas construtivas acerca do meu desempenho, permitindo que eu crescesse como docente e como pessoa.

Durante a realização do Estágio Pedagógico, além das nossas aulas assistidas, uma das tarefas dos estagiários consistia na observação de aulas entre si e observação de aulas da Professora Orientadora. A observação destas aulas, foi bastante importante na medida em que nos permitiu tirar algumas ilações sobre as estratégias que podiam ser utilizadas por nós.

4.4.3. Experiência Pessoal e Profissional

O Estágio Pedagógico é a profissionalização como professor de Educação Física e é aqui que pomos em prática tudo o que aprendemos na teórica. A aplicação imediata de conceitos e matérias já desenvolvidas previamente, constituíram decerto um desafio, tal como todo o clima envolvente sentido, não como aluno mas como docente.

Posso dizer que aprendi a manipular a matéria de ensino da Educação Física transformando-a em conteúdo pedagógico útil para, deste modo, poder contribuir para o desenvolvimento formativo contínuo dos alunos. Acumulei conhecimentos acerca do funcionamento interno de uma escola e as condições de desenvolvimento da Educação Física inerentes a esta. Também foi importante aproveitar o relacionamento com profissionais mais experientes interagindo de forma construtiva na obtenção de conhecimentos e formas de estar perante a profissão.

No início do ano lectivo, uma das questões que se levantava era relacionada com o Núcleo de Estágio, desde os colegas estagiários, passando pela Orientadora da Escola, até à Orientadora da Faculdade, nunca deixando de parte toda a comunidade escolar envolvente. No decorrer do tempo lectivo, todas essas questões se clarificaram, visto que o convívio e o trabalho fizeram com que nos revelássemos quer como pessoas quer

como profissionais, demonstrando sempre um grupo bem-disposto, respeitador, unido, cooperador e colaborador. Com o aparecimento de novos obstáculos e novos objectivos, o grupo de Núcleo de Estágio revelou-se ainda mais unido e coeso, realizando sempre um esforço para apoiar e amparar “o outro” de forma a dar tudo por tudo pelo grupo, pela prática pedagógica e pelo objectivo em comum – o crescimento e desenvolvimento profissional.

A professora Orientadora Clara Neves, também foi, para mim, uma pessoa que me ajudou muito em termos pedagógicos, pessoais, sociais e culturais, tendo perspectivas de ensino muito bem planeadas e delineadas, mesmo sendo este um processo complexo, o que demonstra a alargada experiência profissional que possui. O apoio da Orientadora foi fundamental na medida em que a sua experiência e conhecimento foram determinantes, tanto na condução do processo ensino/aprendizagem como no êxito do meu desempenho e na minimização das minhas inseguranças. Desde o primeiro minuto, que se revelou disponível para me ajudar e apoiar, demonstrando-se bastante profissional, dinâmica e conhecedora da realidade escolar, o que veio a facilitar o meu crescimento e aperfeiçoamento não só na componente lectiva mas também na componente pessoal.

O acompanhamento e orientação científica da Professora Orientadora da Faculdade, Elsa Silva, permitiu-nos adquirir e desenvolver progressivamente uma segurança e domínios no exercício das diferentes tarefas docentes. Ajudou-nos a reflectir e avaliar todo o processo que desenvolvemos, podendo assim crescer pessoal e profissionalmente. A Orientadora, apesar de não ter um papel tão visível e permanente no nosso desenvolvimento profissional, demonstrou ser fulcral e uma peça fundamental na construção da nossa formação, disponibilizando-se a ajudar tanto a nível de ensino como de aprendizagem. No decorrer das aulas observadas foi como um espelho do nosso comportamento, destapando os erros cometidos como evidenciando os aspectos mais positivos. A sua enriquecedora experiência escolar foi indispensável para a nossa formação como futuros profissionais.

Também posso expressar a minha boa integração e o meu bom relacionamento na vida escolar, pois desde do início fui recebido com simpatia e apoio, o que me permitiu criar um bom relacionamento com colegas, funcionários e alunos. O apoio e cooperação

afável por parte do conselho executivo, secretaria e departamentos, veio a demonstrar-se uma mais-valia para o desenvolvimento do meu trabalho.

Certamente foi uma experiência enriquecedora, onde conhecimentos e competências foram adquiridas e que me preparou para a verdadeira realidade do mundo escolar.

Posso concluir que experienciei um conjunto de cognições e afectos cuja diversidade riqueza e intensidade, fazem do Estágio um momento marcante com significativo impacto no processo de capacitação e integração pessoal e profissional no mundo da docência.

BIBLIOGRAFIA

BENTO, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa.

CAMPAGNA, J. & SCHWARTZ, G. M. (2007). *Educação e competência: o ensino reflexivo na Educação Física*. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Nº 109. <http://www.efdeportes.com/efd109/educacao-e-competencia-o-ensino-reflexivo-na-educacao-fisica.htm>

CARVALHO, L. (1994). *Avaliação das Aprendizagens em Educação Física*.

CASTELO, J. (2003). *Futebol – Guia Prático de Exercícios de Treino*, ed. Visão e Contextos.

CREESE, A; DANIELS, H.; NORWICH, B (1997). *Teacher Support Teams in Primary and Secondary Schools*. London: Fulton.

Despacho Normativo n.º6/2010 de 19 de Fevereiro, Art.º 4.º.

FREIRE, P. (1999). *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

FULLAN, M.; HARGREAVES, A. (2000). *A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

GODINHO, M.; MENDES, R.; BARREIROS, J. (1995). *Informação de Retorno e Aprendizagem*. Horizonte. Lisboa: Livros Horizonte, vol. 11, nº 66, p. 217-220, mar./abr.

Guia do Estágio Pedagógico 2010/2011. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra.

LOIOLA, L. J. S. L. (2005) *Contribuições da pesquisa colaborativa e do saber prático contextualizado para uma proposta de formação continuada de professores de*

educação infantil. In: Reunião Anual da ANPED, 28., Caxambu. Anais... Caxambu. CD-ROM.

MARTENIUK, R. G. (1986). *Information Processes in Movement Learning: Capacity and Structural Interference Effects*. Journal of Motor Behavior. vol. 18, nº 1.

MASSETO, M. (1996). *Didáctica: A aula como centro*. São Paulo: FTD.

McGOWN, C. (1991). *O ensino da técnica desportiva. Treino Desportivo*. 2ª série, n. 22, dez.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. da G. N. (2001). *Aprendendo a ensinar: futuras professoras das séries iniciais do ensino fundamental e casos de ensino. In: : Reunião Anual da ANPED, 24., Caxambu. Anais... Caxambu. CD-ROM.*

PATRÍCIO, M. F. (1988). *A inovação no centro da reforma educativa*. Inovação, Revista do Instituto de Inovação Educacional, vol.1, nº1.

Projecto Curricular de Educação Física, elaborado no âmbito da disciplina de Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular de Educação Física. Rui Ferreira e Outros. FCDEF. Dezembro 2009.

RIBEIRO, L. (1999). *Tipos de avaliação*.

SCHMIDT, R. A. (1993). *Aprendizagem e Performance Motora: dos princípios à prática*. São Paulo. Cap. 19, p. 227-259.

ANEXOS

Exemplo de grelha de planificação anual

PLANO ANUAL							1º Período
Semana	Data	Aula	Unidade Didáctica	Aula da UD	Espaço	Avaliação	F. Didáctica
1	14 Set.	1	Apresentação	1	P3	----	Apresentação
1	16 Set.	2, 3	Voleibol	1 e 2	P2	Av. Diag.	Av. Diag.
2	21 Set.	4	Ginástica Solo	1	P3	Av. Diag.	Av. Diag.

Exemplo de plano de aula

Professor:		Ano Lectivo:		Turma:		Data:		Hora:		Espaço:	
Período:		Nº Aula		Duração:		Nº Alunos					
Unidade Didáctica:		Aula:		de		Função Didáctica:					
Objectivos Comuns:											
Objectivos da Aula:											
Recursos Materiais:											

Tempo		Conteúdos/Objectivos	Organização/Situação de aprendizagem	Componentes críticas/Critérios de êxito
Total	Parcial			
Parte Inicial				
	5'	-Chegada dos alunos.		
Parte Fundamental				
Parte Final				
13:25'	5'	-Saída dos alunos.		
13:30'				

Ficha de auto avaliação

Esta ficha pretende ajudar-te a reflectir sobre a tua avaliação em certos comportamentos e atitudes ao longo do período.
Deste modo, para fazeres a tua auto-avaliação, precisas, antes de mais, reflectir sobre o teu desempenho nas aulas.

Nome: _____ nº ____ turma: ____ ano:

Regista com um (X) no quadrado que melhor corresponde à tua situação

	Parâmetros de avaliação	1º Período					2º Período					3º Período				
		NSF	NS	S	SB	SMB	NSF	NS	S	SB	SMB	NSF	NS	S	SB	SMB
Competências Sociais E de Trabalho	Cumpro as regras dentro da aula															
	Sou assíduo (a)															
	Sou pontual															
	Respeito o trabalho dos outros															
	Tenho um bom relacionamento com os outros															
	Cumpro as tarefas dentro da aula															
	Participo na aula / colaboro															
	Sou empenhado (a)															
	Sou responsável, trago sempre os materiais necessários para a aula															
	Sou cuidadoso no transporte e utilização do material															
	Sou autónomo (a)															
	Tenho por hábito tomar banho após a aula de E.F.															
	Respeito as normas de segurança															
	Sou solidário com os meus colegas, na vitória e na derrota															
	Respeito os adversários jogando com lealdade															
	Aceito as decisões do grupo															
Competências Científicas	Estou atento a todas as instruções dadas pelo Professor															
	Entendo a informação dada															
	Identifico o nome dos vários materiais															
	Colaboro nas ajudas															
	Conheço e aplico os gestos técnicos das várias modalidades															
	Conheço os objectivos e as principais regras das diversas modalidades															
	Cumpro as regras e as decisões do árbitro															
	Sempre que solicitado consigo desempenhar a função de árbitro															
Após reflexão cuidada acerca do que escreveste, qual a nota que achas merecer no final do período		Acho que mereço					Acho que mereço					Acho que mereço				

Legenda: NSF (Não Satisfaz Fraco) NS (Não Satisfaz) S (Satisfaz) SB (Satisfaz Bem) SMB (Satisfaz Muito Bem)

Exemplo de instrumento de registo de avaliação formativa (assiduidade, higiene e pontualidade)

ASSIDUIDADE		Setembro						Outubro						Novembro						Dezembro								1º Período											
8º E		14	16	21	23	28	30		7	12	14	19	21	26	28		2	4	9	11	16	18	23	25	30		2	7	9	14	16			AP - 41			AD -		
		1	2	4	5	7	8		10	12	13	15	16	18	19		21	22	24	25	27	28	30	31	33		34	36	37	39	40			Somatório			Nota		
			3		6		9		11		14		17		20				23		26		29		32		35		38		41			F	E	B	F	E	B
		1	...												B																			0	0	1	5	5	4
2	...					B					D		B																			0	0	1	5	5	4		
3	...					B							B																			0	0	2	5	5	4		

Instrumento de registo de avaliação formativa (empenho, falta de material e comportamento)

EMPENHO		Setembro						Outubro						Novembro						Dezembro									1º Período				
Data		14	16	21	23	28	30	7	12	14	19	21	26	28	2	4	9	11	16	18	23	25	30	2	7	9	14	16				AP - 41	AD -
Aula (nº) da UD											8						6			12	10										Partic. / Emp.		
UD*											V						G	T		V	G												
1	...		E	E	E	E	E		E	E	E	E		E																	10	0	
2	...		E	E	E	E	E		E	E	E	E		NE																	9	1	
3	...		E	E	E	E	E		E	E	E	E		E																	10	0	

Exemplo de instrumento de avaliação diagnóstica

Nível	Comportamentos
1	Não executa os exercícios ou que os executa com muita dificuldade.
2	Executa de modo satisfatório algumas das componentes críticas do exercício proposto.
3	Executa a maioria das componentes críticas de modo bastante satisfatório.

N.º	Nome	Composição	Interpretação	Expres- sividade	Criatividade	Apreciação	Média
1	---	1	2	1	1	1	1
2	---	1	2	1	1	2	1
3	---	3	3	1	3	1	2

Protocolo de avaliação sumativa

Nível	Comportamentos
1	Não executa
2	Executa mal
3	Executa
4	Executa bem
5	Executa muito bem

Exemplo de instrumento de avaliação da coreografia individual

N.º	Nome	Composição	Interpretação	Expres- sividade	Criatividade	Apreciação Global	Nota	Nível
1	---	3,5	3,5	3,5	3	3,38	S	3+
2	---	4,5	4	4	4	4,13	SB	4+
3	---	4	3,5	3,5	3	3,50	S	3+

1 (NSF); 2 (NS); 3 (S); 4 (SB); 5 (SMB)

Exemplo de instrumento de avaliação do portefólio individual

N.º	Nome	Organização	Conteúdo	Criatividade	Capacidade Reflexiva	Apreciação Global	Nota	Nível
1	---	4	3,5	4	3	3,63	S	4
2	---	4,5	4,5	4,5	4	4,38	SB	4+
3	---	4	4	4,5	3,5	4,00	SB	4

1 (NSF); 2 (NS); 3 (S); 4 (SB); 5 (SMB)

Exemplo de instrumento de avaliação final

N.º	Nome	Apresentação Coreografia	Apresentação Portefólio	Teste (Cap. Reflexiva)		Nota		Nível
1	---	3,38	3,63	3,4		3,48		S
2	---	4,13	4,38	3,4		4,08		SB
3	---	3,50	4,00	3,4		3,68		S

1 (NSF); 2 (NS); 3 (S); 4 (SB); 5 (SMB)

Protocolo de avaliação sumativa

Exemplo de instrumento de avaliação global da componente prática de uma modalidade (e.g., voleibol - diagnóstica, formativa e sumativa).

Exemplo de instrumento de avaliação formativa

Avaliação Formativa Janeiro																																					
Critérios Avaliativos		Participa com interesse nas actividades propostas nas aulas	Arrumação, transporte e conservação do material	Aplica as regras de higiene	Traz equipamento adequado	Relaciona-se com cordialidade e respeito pelos colegas e professor	Contribui para a manutenção do bom ambiente de trabalho	Empenho e responsabilidade nas tarefas assumindo compromissos	Entreajuda e apoio aos colegas	Assíduo e pontual	Conhece e aplica as acções inerentes à modalidade	Conhece e aplica os regulamentos das várias modalidades	Falta de Material	Falta de Material Acum.	Faltas	Faltas Acum.	Higiêne	Higiêne Acum.	Dispensas	Dispensas Acum.	Observações																
Nº	Nome																													0		0		0		0	
1	...																													0		0		0		0	
2	...													0		0		0		0																	
3	...													0		0		0		0																	

Exemplo de instrumento de avaliação sumativa

[illegible]